Museologia social, sociomuseologia e um tiquinho de tecnologia

Giovanna Gomes Perrone¹ Vladimir Sibylla Pires²

Social museology, Sociomuseology, and a dash of technology

1 - APRESENTAÇÃO

O projeto de Iniciação Científica que originou este artigo consistiu em um mapeamento dos sentidos por trás de termos relativos aos campos da Museologia e dos museus, e esteve vinculado ao projeto de pesquisa “Território, Museus e Sociedade”, coordenado pelo Prof. Dr. Vladimir Sibylla Pires (UNIRIO) e realizado entre 2018 e 2022.³ O referido mapeamento baseou-se na revista científica Cadernos de Sociomuseologia, editada ininterruptamente desde 1993 pelo Departamento de Museologia da Universidade Lusófona, de Lisboa (Portugal).

Seu objetivo geral foi observar as transformações semânticas, ao longo de um período de 30 anos (1993-2022), de 15 termos relacionados com os museus e com as chamadas “novas museologias” surgidos e utilizados a partir da segunda metade do século XX, a saber: Altermuseologia; Ecomuseologia; Museologia ativa; Museologia da ação; Museologia da ruptura; Museologia social; Museologia comunitária; Nova museologia; Sociomuseologia; Ecomuseu(s); Museu(s) de Território/Territoriais; Museu(s) social(is); Museu(s) comunitário(s); Museu popular e Novo(s) museu(s).

Para o referido mapeamento foi organizado um quadro geral contendo - ano a ano, edição por edição - as compreensões e definições de cada autor relacionadas aos termos associados às tais “novas museologias”, como pode ser visto na Figura 01.

Figura 01 - Excerto do quadro geral produzido para a pesquisa de IC

TERMO/ CONCEITO	TEXTO	EDIÇÃO	ANO	DESCRIÇÃO/DEFINIÇÃO
Ecomuseu(s)	Cordovil, M. Novos museus novos perfis profissionais.	CSM, v.1, n.1	1993	“No início dos anos 60 uma equipa liderada por Hugues de Varine-Bohan transforma todo um território económica e socialmente degradado no Ecomuseu de Cresot com a participação da população. (Provavelmente nasceu então o termo e constituiu-se o conceito de Ecomuseu ”. (p.22 e 23)

Fonte: elaboração própria

¹ Bacharelado em Museologia e mestranda em Museologia, Patrimônio e Memória pela UNIRIO. Atualmente é estudante de Engenharia da Computação no IBMEC. <https://orcid.org/0009-0006-5426-7730>, giovanna.g.perrone@gmail.com

² Professor da Escola de Museologia da UNIRIO, doutorado (IBICT / UFRJ) em Ciência da Informação. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Museologia, Território e Comunicação GEMTeC da UNIRIO/CNPq, <https://orcid.org/0000-0002-9156-8704>, sibylla1968@gmail.com

³ Nesse período, o presente projeto de Iniciação Científica contou com as seguintes bolsistas: Cahrolina Georgete Nodenn Alves Maurício (2019-2020), Leandra Santos de Brito (2020-2021), Leandra Santos de Brito (2021), Giovanna Gomes Perrone (2021-2022) e Giovanna Gomes Perrone (2022-2023).

Tendo como base o referido quadro geral, foram depois filtrados e destacados dois termos - Museologia Social e Sociomuseologia - para comporem dois quadros específicos para uma análise qualiquantitativa mais detalhada. O objetivo agora era duplo: por um lado, mapear similitudes e distinções entre os termos, conforme os entendimentos dos diversos autores publicados na revista; por outro lado, verificar a possibilidade / pertinência de se utilizar ferramentas de IA como auxiliares de determinados procedimentos metodológicos.

Para a análise quantitativa dessa segunda etapa, estruturaram-se ainda duas tabelas auxiliares, uma para cada termo, onde foram reunidas informações básicas sobre cada autor, a saber: nome, sexo, quantitativo de textos publicados nos Cadernos de Sociomuseologia, quantitativo de textos de sua autoria citados por outros autores igualmente publicados na referida revista, sua área de atuação profissional, o país de atuação profissional e a nacionalidade. Com essas informações básicas, visamos entender melhor o contexto acadêmico e regional de cada autor para melhor demarcar seu pensamento acerca dos termos pesquisados. Mais adiante, apresentaremos versões sintéticas dessas tabelas auxiliares.

Já para a análise qualitativa, organizou-se outro tipo de quadro auxiliar, em que se procurou sumarizar como os termos foram descritos a cada ano por cada um dos autores encontrados, fazendo assim um apanhado das eventuais transformações dos seus significados com o passar do tempo. Mais adiante, também apresentaremos esses quadros auxiliares.

Cabe aqui ainda um último esclarecimento sobre os procedimentos metodológicos adotados ao longo de todo o trabalho. Todo o mapeamento dos termos realizado na primeira fase, acontecida entre 2018 e 2022, e que gerou a organização do referido “quadro geral”, foi analógico. Com isto, queremos dizer que tudo foi lido, fichado, organizado e revisado por bolsistas humanas de Iniciação Científica, estudantes dos cursos Integral e Noturno de Museologia da UNIRIO (cf. nota 3), que se debruçaram sobre todas as edições dos Cadernos de Sociomuseologia, publicadas entre 1993 e 2022, das quais foram extraídos os 122 artigos que continham referências a pelo menos um dos 15 termos previstos pela pesquisa.

Já na segunda fase do projeto, de revisão e análise em torno dos dois termos destacados - Museologia Social e Sociomuseologia -, utilizou-se novamente leitura analógica (humana), porém agora complementada por leitura baseada em IA, conforme será melhor esclarecido mais adiante.

2 - BREVE ANÁLISE QUANTITATIVA

Como comentado, esta análise contou com a elaboração de uma tabela auxiliar contendo nome, sexo, quantitativo de textos publicados nos Cadernos de Sociomuseologia, quantitativo de textos de sua autoria citados por outros autores igualmente publicados na referida revista, sua área de atuação profissional, o país de atuação profissional e a nacionalidade. Desses itens, destacaremos aqui nome, nacionalidade, sexo, local de atuação e área de atuação.

As informações acerca da ocupação profissional dos autores foram levantadas a partir das plataformas Lattes-CNPq, Ciência Vitae e LinkedIn, além dos sites oficiais das respectivas universidades onde alguns dos autores atua(va)m. Vale, no entanto, frisar que houve uma imensa dificuldade em precisarmos a atuação mais recente de alguns desses autores, já que muitos não atualizam seu currículo há algum tempo (ou simplesmente não possuem currículos públicos). Por isso, consta na tabela tão somente a mais recente ocupação encontrada. Apesar dessas dificuldades, contudo, foi possível obter um resultado quantitativo básico, porém satisfatório, dos autores da Cadernos de Sociomuseologia cujos textos orbitam a Museologia Social e/ou a Sociomuseologia.

Do total de 122 artigos publicados pela revista Cadernos de Sociomuseologia no período de 30 anos compreendidos entre 1993 e 2022, e selecionados para este mapeamento por conterem ao menos um dos 15 termos mencionados, 50 foram separados por conterem especificamente os termos específicos em questão: Museologia Social e Sociomuseologia. Desses 50 trabalhos, observou-se que 34 abordam o termo Museologia Social, tendo sido escritos por um total de 35 autores distintos⁴, cujas nacionalidades, sexo e país de atuação encontram-se na Tabela 01.

⁴ Os autores de textos contendo a expressão **Museologia Social** contemplados nesta pesquisa, em ordem alfabética, foram: Angelo Biléssimo (Brasil); Átila Tolentino (Brasil); Carlos Serrano Ferreira (Brasil); Chris Newbery (Inglaterra?); Claudia Storino (Brasil); Clovis C. Britto (Brasil); Daniella Rebouças (Brasil); Dell Delambre (Brasil); Eduardo Davel (Brasil); Geanine Vargas Escobar (Brasil); Henrique Godoy (Brasil); Hilda Barbara Maia Cezário (Brasil); Isabel Victor (Portugal); Jean Tiago Baptista (Brasil); José Manuel Brandão (Portugal); Judite Santos Primo (Brasil); Lúcia Alegrias (Portugal);

Tabela 01 - Perfil dos autores que mencionam o termo **Museologia Social** em seus textos

Museologia Social		
Sexo	Feminino	Masculino
Quantidade	20	15
Nacionalidade	3 portuguesas 17 brasileiras	3 portugueses 1 canadense 10 brasileiros 1 britânico?
País de atuação	10 Brasil 10 Portugal	5 Brasil 9 Portugal 1 Canadá
Forma de atuação majoritária	Magistério (6)	Magistério (8)

Fonte: elaboração própria

Já com relação ao termo Sociomuseologia, foram 27 textos originalmente publicados na Revista, tendo sido escritos por um total de 25 autores distintos⁵, cujas nacionalidades, sexo e país de atuação encontram-se na Tabela 02.

Tabela 02 - Perfil dos autores que mencionam o termo **Sociomuseologia** em seus textos

Sociomuseologia		
Sexo	Feminino	Masculino
Quantidade	17	8
Nacionalidade	5 portuguesas 10 brasileiras 1 mexicana 1 espanhola	3 portugueses 4 brasileiros 1 canadense

Luciana Pasqualucci (Brasil); Marcelle Pereira (Brasil); Marcelo Cunha (Brasil); Maria Faria Gomes (Brasil); Maria Magdalena Neu (Brasil); Maria Teixeira (Brasil); Mário Canova Moutinho (Portugal); Mário Chagas (Brasil); Moana Campos Soto (Brasil); Paula Assunção dos Santos (Brasil); Pedro Leite (Portugal); Pierre Mayrand (Canadá); Raquel Janeirinho (Portugal); Rosana Nascimento (Brasil); Roseane Maria da Silva (Brasil); Suzy da Silva Santos (Brasil); Tatiana Oliveira (Brasil); Vera Rangel (Brasil).

⁵ Os autores de textos contendo o termo **Sociomuseologia**, em ordem alfabética, foram: Aida Rechená (Portugal); Angelo Biléssimo (Brasil); Camila Wichers (Brasil); Dália Paulo (Portugal); Emanuel Sancho (Portugal); Gabriela Coronado-Téllez (México); Gabriela Figurelli (Brasil); Geanine Vargas Escobar (Brasil); Henrique Godoy (Brasil); Jean Tiago Baptista (Brasil); Judite Santos Primo (Brasil); Lorena Sancho-Querol (Espanha); Lúcia Alegrias (Portugal); Luciana Pasqualucci (Brasil); Luís Manuel Mota dos Santos Figueira (Portugal); Manuelina Maria Duarte Cândido (Brasil); Maria Magdalena Neu (Brasil); Mário Canova Moutinho (Portugal); Moana Campos Soto (Brasil); Nilo Cerqueira (Brasil); Pierre Mayrand (Canadá); Raquel Janeirinho (Portugal); Sara V. Freitas (Portugal); Vânia Maria Andrade Brayner Rangel (Brasil); Viviane Panelli Sarraf (Brasil).

País de atuação	3 Brasil 13 Portugal 1 Bélgica	3 Brasil 4 Portugal 1 Canadá
Forma de atuação majoritária	Magistério (10)	Magistério (4)

Fonte: elaboração própria

A diferença encontrada no somatório dos dois grupos origina-se, como é de se supor, do fato de que alguns textos mencionam ambos os termos. Além disso, cabe ainda destacarmos três informações das tabelas em questão (somadas): em primeiro lugar, o domínio feminino no quesito “autoria” (62% dos autores são mulheres), o que reforça, no Brasil, a percepção de ser este um campo predominantemente constituído por mulheres (Brulon, 2019); em segundo lugar, em que pese o fato de ser uma publicação portuguesa, o domínio da nacionalidade brasileira na produção relativa aos dois termos em questão (68% dos autores são originários do Brasil); por fim, o fato de que o perfil profissional que mais se destaca entre os autores é o associado ao magistério superior (47% dos autores são professores universitários).

3 - ANÁLISE QUALITATIVA

Como comentado anteriormente, para esta análise filtrou-se o campo “termo/conceito” do quadro geral, destacando-se os conteúdos dos termos “Museologia Social” e “Sociomuseologia” com vistas à identificação de similitudes e divergências no entendimento dos autores publicados. Os fichamentos constantes do quadro geral foram, então, resumidos (de modo analógico) nos novos quadros específicos e, posteriormente, com auxílio da IA (Gemini), sintetizados para até, no máximo, 6 linhas. Para tanto, aplicou-se um ID (numeral de dois dígitos) a cada resumo para facilitar a comunicação com a IA (e sua operação). O resultado encontra-se nos quadros-síntese a seguir apresentados (seções 3.1 e 3.2), que contêm o essencial do entendimento de cada autor sobre o termo em questão.

3.1 - Quadro-síntese: Museologia Social

Quadro 01 - Sínteses dos entendimentos dos autores sobre **Museologia Social**

Ano	Ideia(s) central(is) do(s) texto(s) considerado(s)
1993	01 - Para José Manuel Brandão , a Museologia Social visa compreender a motivação por trás do processo de musealização e sua importância para indivíduos e sociedade. 02 - Mário Moutinho , por sua vez, pondera que ela é parte do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea.
1996	03 - Chris Newbery acredita que a Museologia Social se caracteriza sobretudo pela resposta que pretende dar aos processos globais de desenvolvimento, estando profundamente enraizada no contexto local.
1999	04 - Judite Primo e Daniella Rebouças atentam para o fato que a característica principal da Museologia Social é o fato de considerar o indivíduo como sujeito histórico para além da valorização da cultura material desvinculada da realidade social. 05 - Judite Primo repete ideia já defendida no texto 04.
2005	06 - Isabel Victor , apoiada em Moutinho (1993) e em ideias de Santiago do Chile (1972), enfatiza a abertura do museu, a ampliação do patrimônio e a participação da comunidade. A museologia é vista como desenvolvimento interdisciplinar e comunicação autônoma. Moutinho (1996) denomina a Museologia Social como informal, sendo relevante para Portugal

2006	<p>07 - Isabel Victor destaca que um dos pontos centrais da Museologia Social é o aumento da exigência do cidadão. Sua maior participação nas decisões é um sinal e um motor para a qualidade dos museus sob essa perspectiva.</p> <p>08 - Susana Menezes cita Mário Moutinho (1993), que, referindo-se a Frederic Mayor, define a Museologia Social como resposta às mudanças sociais. A instituição focada em objetos para taxonomia evolui para uma entidade aberta e conectada ao seu contexto, representando uma revolução museológica com o surgimento de museus comunitários, <i>sans murs</i> e ecomuseus.</p>
2007	<p>09 - Em um texto escrito em inglês, Mário Moutinho retoma a compreensão expressa em seu texto de 1993.</p> <p>10 - Judite Primo repete a ideia já defendida no texto 4 e pondera que, como resultado das novas correntes de pensamento, a Museologia atual apresenta mais uma corrente: a Museologia Social, cuja principal característica é a valorização do Homem como sujeito participante, crítico e consciente da realidade, transcendendo a valorização da cultura material isolada da realidade social, como já havia ponderado em seu texto de 1999.</p>
2008	<p>11 - Paula Santos, baseando-se em Mário Moutinho (1993), afirma que a Museologia Social surgiu para os cursos da Universidade Lusófona. Esse conceito e seu contexto analisam a relação entre museologia e desenvolvimento comunitário em dois aspectos: a ligação dos museus com a sociedade e a aproximação entre a Nova Museologia e a tradicional.</p>
2009	<p>12 - [Texto 02 do quadro de Sociomuseologia] Pierre Mayrand diz que a Sociomuseologia é uma ciência humana em formação, enquanto a Museologia Social são práticas de intervenção para a mudança social dentro da Sociomuseologia. Ambas propõem uma ruptura com a museologia tradicional, questionando as bases e o papel do patrimônio e da memória.</p> <p>13 - Para Pierre Mayrand, a Museologia Social é um discurso que reflete sobre a relação entre o museu e a sociedade.</p>
2013	<p>14 - Maria Gomes e Marcelo Cunha resgatam a proposição de Mário Moutinho (1993), segundo a qual o conceito de Museologia Social procura adequar as estruturas museológicas às necessidades da sociedade contemporânea.</p> <p>15 - Raquel Janeirinho acredita que a Museologia Social estimula e aprecia a "cultura viva", promovendo emancipação e cidadania. A participação da comunidade local nos processos museológicos é essencial para garantir a educação patrimonial junto aos produtores locais e para que o inventário democratize a cultura.</p> <p>16 - Vera Rangel, baseando-se em Moutinho (1993), defende que a complexidade da museologia diária resulta em uma mistura de práticas tradicionais e sociais, sendo esta última um testemunho da cultura contemporânea e, portanto, uma manifestação da mudança.</p>
2015	<p>17 - Segundo Judite Primo e Pedro Leite, a Museologia Social constitui um processo em que o principal desafio é desenvolver uma ação na qual os participantes possam partir das próprias heranças, tidas como ferramentas de construção do futuro. A museologia pode adicionar ao mundo em mudança a sua consciência sobre as heranças como ferramentas de construção do futuro.</p> <p>18 - Dell Delambre, tendo em mente as experiências museológicas que gestaram a Declaração Rio MINOM 2013, sugere que elas se situam no âmbito da Museologia Social e que esta, mais do que uma ciência, é toda uma forma inteira e transdisciplinar de ser colocar na vida, junto com o outro, consigo e com o cosmo.</p>

	<p>19 - Marcelle Pereira conecta a Museologia Social à Sociologia das Ausências, pois ambas transformam indignação em acervo e processos marginalizados em narrativas para reflexão e participação. A Museologia Social, com mentalidade participativa, vê museus como espaços para desconstruir a não existência e empoderar, considerando movimentos sociais na busca por direitos. Ela promove a apropriação de memórias e saberes, gerando presença.</p>
2016	<p>20 - Átila Tolentino, com base na Sociologia e em Chagas e Gouveia (2014), recorda a renovação do pensamento museológico nos anos 60-70, que originou a Museologia Social ou Sociomuseologia, termos que ele trata como sinônimos. A possível distinção residiria na "ênfase e no ponto de partida" de cada um.</p>
2017	<p>21 - Clóvis Britto, apoiado em Chagas e Gouveia (2014), considera Museologia Social e Sociomuseologia sinônimos. Ele recorda que a Nova Museologia, ao perder força nos anos 90, deu origem à Museologia Social/Sociomuseologia, que seriam museologias dinâmicas, evoluindo constantemente seus conhecimentos e práticas em resposta às transformações sociais nas quais atuam ativamente.</p> <p>22 - Lúcia Alegrias afirma que a Museologia Social fortalece a integração do museu nos movimentos sociais, atuando como agente de mudança e democratização da cultura. Citando Marc Maure (1995), ela descreve essa "Museologia de ação" (Museologia Social) como baseada em valores como democratização cultural, pluridisciplinaridade e conscientização, vendo o museu como um sistema aberto em diálogo constante.</p>
2018	<p>23 - Carlos Ferreira e Moana Soto, citando Chagas e Gouveia (2014), ressaltam que a Museologia Social se dedica a diminuir injustiças e desigualdades, combater preconceitos e melhorar a qualidade de vida coletiva. Ela busca fortalecer a dignidade e a coesão social, utilizando a memória, o patrimônio e o museu em prol de comunidades populares, povos indígenas e quilombolas, além de movimentos sociais como o LGBT e o MST.</p> <p>24 - Chagas, Primo, Assunção e Storino observam um debate sobre o "social" na Museologia, questionando quem pratica a museologia "com" e "a partir de". Eles destacam a natureza política da Museologia Social e das críticas a ela. Embora tratem Museologia Social e Sociomuseologia como sinônimos, rejeitam a divisão prática/teórica como colonial. O essencial para a Museologia Social são seus compromissos ético-sociais, não apenas sua presença na sociedade.</p> <p>25 - Hilda Cezário e Eduardo Davel têm que a Museologia Social é um resultado da Nova Museologia, movimento que ganhou força a partir do questionamento da função social dos museus. Hoje, aquela é compreendida como uma Museologia centrada na dimensão local, sendo denominada de Museologia Social no Brasil e de Sociomuseologia na Europa, sobretudo em Portugal.</p> <p>26 - Suzy Santos e Roseane da Silva, citando Chagas e Gouveia (2014), veem a Museologia Social como um neologismo dos anos 90, derivado da Nova Museologia, caracterizada como popular, ativa, crítica, engajada, dialógica e com compromissos políticos definidos. Baseando-se em Mário Moutinho (1995), elas também a consideram uma Museologia do cotidiano, informal e uma forma distinta de praticar a Museologia.</p>
2019	<p>27 - Segundo Maria Teixeira, a Museologia Social é aquela que tem na escuta a sua ferramenta principal, englobando processos e ações que buscam democratizar o conhecimento de modo compartilhado, incluindo, de modo horizontal, os sujeitos que deles participam.</p>
2020	<p>28 - Tatiana Oliveira observa que, no Brasil, a Museologia Social cresce com a participação dos movimentos sociais e seus anseios por memória e cultura. Esses museus representam uma nova prática museológica, centrada nas questões sociais da vida institucional. A Museologia Social busca reafirmar o compromisso dos museus com a vida, atuando política, cultural, social e educacionalmente em prol da dignidade e da justiça social.</p>

	<p>29 - Maria Magdalena Neu define a Museologia Social como prática surgida em favelas, quilombos e comunidades indígenas do Brasil nos anos 2000, focada na reconciliação histórica e identitária dos próprios grupos. Diferencia-se do museu tradicional ao documentar os marginalizados sem paternalismo. Seu objetivo é integrar vozes silenciadas, trazendo informações relevantes ignoradas pela elite.</p> <p>30 - [Texto 19 do quadro de Sociomuseologia] Ângelo Biléssimo cita a tese de Clóvis Britto (2019), onde define a Sociomuseologia como a escola de pensamento que une pesquisadores acadêmicos e não acadêmicos engajados nas transformações da Museologia Social. A Sociomuseologia se diferenciaria pela ênfase na produção epistemológica, sem excluir a prática, enquanto a Museologia Social seria um laboratório de saberes que a alimenta.</p> <p>31 - [Texto 20 do quadro de Sociomuseologia] Henrique Godoy, com base em Kátia Filipini (2011), considera as expressões como sinônimas, contrapondo-se à Museologia normativa, que burocratiza e objetifica, estimulando e se solidarizando com a elaboração de discursos que se permitem receber toda a influência da subjetividade dos sentimentos, pondo em evidência sua a ideologia elementar.</p> <p>32 - [Texto 21 do quadro de Sociomuseologia] Luciana Pasqualucci, com base em Chagas e Gouveia (2014) e em Chagas, Primo, Assunção e Storino (2018), pondera ser Museologia Social a denominação da Nova Museologia no Brasil, uma Museologia “in mundo”, ou seja, em relação direta com a sociedade, com as demandas e questionamentos de segmentos sociais específicos.</p>
2021	<p>33 - [Texto 23 do quadro de Sociomuseologia] Segundo Jean Tiago Baptista, Museologia Social e Sociomuseologia são sinônimos, onde os termos se relacionam com uma museologia progressista, a favor de novos modelos museais, novos processos e práticas que assumam um caráter mais inclusivo.</p> <p>34 - [Texto 24 do quadro de Sociomuseologia] Para Geanine Vargas Escobar, com base em Judite Primo (2019), a Museologia Social seria a prática que teria trazido, para o campo da Sociomuseologia, a compreensão e adoção da “reciprocidade de saberes”.</p>

Fonte: elaboração própria, a partir de síntese humana revisada por IA

3.2 - Quadro-síntese: Sociomuseologia

Quadro 02 - Sínteses dos entendimentos dos autores sobre **Sociomuseologia**

Ano	Ideia(s) central(is) do(s) texto(s) considerado(s)
2007	01 - Segundo Mário Moutinho , a Sociomuseologia é um novo campo do conhecimento, multidisciplinar, onde a Museologia se articula com outras áreas já consolidadas, reforçando o reconhecimento da Museologia como um recurso para o desenvolvimento sustentável da Humanidade, baseado na igualdade de oportunidades e na inclusão social e econômica.
2009	02 - Para Pierre Mayrand , a Sociomuseologia é uma ciência humana em vias de constituição e a Museologia Social diz respeito a práticas de intervenção que visam a mudança social dentro do quadro epistemológico e dos paradigmas propostos pela sociomuseologia. Ambas preconizam uma ruptura com a museologia da continuidade e da reprodução, e questionam os fundamentos e as funções do patrimônio e da memória.

2011	<p>03 - Aida Recheda, com base em Denise Jodelet (1994), procura aplicar a Teoria das Representações Sociais à Sociomuseologia, na qual o sujeito, um dos vértices definidores do ternário matricial da Museologia, também tem um papel essencial, ativo.</p> <p>04 - Para Dália Paulo, a Sociomuseologia teve papel importante na mudança de mentalidade e no alargamento do conceito de museu. Isso se deu através das declarações internacionais (Santiago do Chile, Quebec e Caracas). Os reflexos desse processo chegam a Portugal através do pioneirismo de Mário Moutinho e da organização dos Encontros de Museologia e Autarquias que trouxeram para a discussão, desde o início, a questão da articulação territorial e das redes.</p>
2012	<p>05 - Mário Moutinho, em texto publicado em inglês, reforça os princípios já defendidos no texto de 2007.</p>
2013	<p>06 - Nilo Cerqueira, com base em Mário Moutinho (2007), defende que “a Sociomuseologia constitui-se (...) como uma área disciplinar de ensino, investigação e actuação que privilegia a articulação da museologia em particular com as áreas do conhecimento das Ciências Humanas, dos Estudo dos do Desenvolvimento, da Ciência de Serviços e do Planeamento do Território.”</p> <p>07 - Gabriela Figurelli tem a Sociomuseologia como vertente social da Museologia, que se pretende mais atenta aos indivíduos e que justifica a existência dos museus para servir primeiramente às pessoas e posteriormente aos objetos.</p> <p>08 - Para Raquel Janeirinho, a interdisciplinaridade é um dos paradigmas da Sociomuseologia e toma como base o texto de Mário Moutinho (2007), no qual o autor diz: “o que caracteriza a Sociomuseologia não é propriamente a natureza dos seus pressupostos e dos seus objectivos, como acontece em outras áreas do conhecimento, mas a interdisciplinaridade com que apela a áreas do conhecimento perfeitamente consolidadas e as relaciona com a Museologia propriamente dita.”</p>
2014	<p>09 - Judite Primo diz que a Sociomuseologia tem impulsionado a democratização do acesso à cultura, valorizando o «tempo social» e orientando, em seus documentos básicos e nas suas ações museológicas, novas ações que têm gerado o protagonismo dos sujeitos envolvidos.</p> <p>10 - Lorena Sancho-Querol e Emanuel Sancho têm a Sociomuseologia como herdeira da Nova Museologia, colocando a comunidade local como centro de gravidade do processo museológico. A partir dela centra a sua atuação na utilização de metodologias participativas que privilegiam o desenvolvimento integrado da pessoa e do território pela via da cultura.</p> <p>11 - Para Moana Soto, a prática da Sociomuseologia concretiza-se quando as partes compartilham da visão que o museu é parte da comunidade e sua representante, espaço portanto de todos.</p>
2016	<p>12 - Camila Wichers, com base em Mário Moutinho (1993) e Judite Primo (1999, 2007), pondera que a Sociomuseologia procura sintetizar o esforço de adequação das instituições museológicas à sociedade contemporânea.</p> <p>13 - Judite Primo diz que a Sociomuseologia convoca os sujeitos sociais a intervirem ativamente e a resistirem aos determinismos da História dos heróis e do passado glorioso que exclui os seus conhecimentos e as suas compreensões sobre o mundo. Na Sociomuseologia, o social passa a ser priorizado em relação aos conteúdos materiais dos museus, às metodologias de trabalho e seus destinatários e/ou participantes do processo museológico.</p>
2017	<p>14 - Para Lúcia Alegrias, a Sociomuseologia refere-se à parte social da Museologia e compreende uma diversidade de práticas segundo as quais as principais funções do</p>

	<p>museu estão relacionadas com o desenvolvimento social e cultural da comunidade, e com a construção de narrativas participativas, que promovem valores de cidadania e inclusão social.</p> <p>15 - Para Mário Moutinho, a Sociomuseologia, que partilha raízes com a Sociologia Pública, busca ampliar as práticas museológicas em direção às realidades sociais contemporâneas, promovendo um diálogo interdisciplinar que vai além das práticas tradicionais focadas apenas na instituição.</p> <p>16 - Para Manuelina Duarte Cândido, com base em Judite Primo (2006) e em Mário Moutinho (1993), a abordagem multidisciplinar da Sociomuseologia consolida a Museologia como um recurso para o desenvolvimento social e econômico, atuando em sintonia com os problemas contemporâneos das comunidades, consolidando ações que liguem patrimônio a iniciativas de cidadania.</p>
2020	<p>17 - Gabriela Coronado-Téllez, com base na “Recomendação relativa à proteção e promoção dos museus e coleções, sua diversidade e sua função na sociedade”, da Unesco (2015), compreende a Sociomuseologia como uma Escola de Pensamento que pesquisa a função social dos museus, sendo portadora de uma abordagem multidisciplinar que tem na Museologia um recurso para o desenvolvimento social e econômico das comunidades.</p> <p>18 - Para Maria Magdalena Neu, a Sociomuseologia, entendida como uma Escola de Pensamento, vai além da coleta e exposição de objetos, focando em identidades, nas raízes de injustiças e promovendo consciência social e política. Herdeira da Nova Museologia, compreende diferentes práticas que incluem a Ecomuseologia, a Museologia Social e metodologias participativas.</p> <p>19 - [Texto 30 do quadro Museologia Social] Ângelo Biléssimo cita a tese de Clóvis Britto (2019), onde define a Sociomuseologia como a escola de pensamento que une pesquisadores acadêmicos e não acadêmicos engajados nas transformações da Museologia Social. A Sociomuseologia se diferenciaria pela ênfase na produção epistemológica, sem excluir a prática, enquanto a Museologia Social seria um laboratório de saberes que a alimenta.</p> <p>20 - [Texto 31 do quadro Museologia Social] Henrique Godoy, com base em Kátia Filipini (2011), considera as expressões como sinônimas, contrapondo-se à Museologia normativa, que burocratiza e objetifica, estimulando e se solidarizando com a elaboração de discursos que se permitem receber toda a influência da subjetividade dos sentimentos, pondo em evidência sua a ideologia elementar.</p> <p>21 - [Texto 32 do quadro de Museologia Social] Luciana Pasqualucci, conforme Chagas e Inês (2014), pondera que a Sociomuseologia é herdeira da Nova Museologia, sinônimo de Museologia Social, fortalecendo-se a partir dos anos 1990.</p> <p>22 - Para Sara V. Freitas, a Sociomuseologia, ciência empírica que é o resultado entre Museologia e Sociologia, valoriza o papel do patrimônio como legado para o futuro e defende um paradigma inclusivo, onde todos têm o direito e dever de participar na construção do presente.</p>
2021	<p>23 - [Texto 33 do quadro de Museologia Social] Segundo Jean Tiago Baptista, Museologia Social e Sociomuseologia são sinônimos, onde os termos se relacionam com uma museologia progressista, a favor de novos modelos museais, novos processos e práticas que assumam um caráter mais inclusivo.</p> <p>24 - [Texto 34 do quadro de Museologia Social] Para Geanine Vargas Escobar, com base em Judite Primo (2019), a Museologia Social seria a prática que teria trazido, para o campo da Sociomuseologia, a compreensão e adoção da “reciprocidade de saberes”.</p>

2022	<p>25 - Para Viviane Sarraf, a Sociomuseologia, enquanto uma Escola de Pensamento, é vista como um processo contínuo de auto-revolução, onde a memória é um recurso essencial para promover mudanças internas no campo.</p> <p>26 - Para Vânia Brayner, a Sociomuseologia, também entendida como uma Escola de Pensamento, expande horizontes epistemológicos, adotando uma abordagem interrelacional e democrática voltada aos anseios sociais e que desafia a prática museológica tradicional, afeita às questões administrativas, documentais e preservacionistas do objeto, promovendo uma ação política e social inclusiva.</p> <p>27 - Para Luís Manuel Figueira, a Sociomuseologia, ancorada nas Ciências Sociais, fundamenta-se em princípios de transformação e adaptação contínuas da sociedade, engajando cidadãos em práticas que respeitam direitos e deveres de memória e expressão, promovendo uma conexão estratégica entre museus e outras instituições, como as educacionais.</p>
------	--

Fonte: elaboração própria, a partir de síntese humana revisada por IA

3.3 - Análise comparativa dos termos Museologia Social e Sociomuseologia

Nesta etapa, contamos exclusivamente com o apoio de duas ferramentas de IA - ChatGPT e Gemini -, para as quais pedimos que identificassem as similitudes e distinções dos entendimentos sobre Museologia Social e Sociomuseologia apresentados pelos autores em seus textos. Nosso objetivo aqui era duplo: por um lado, verificar a possibilidade de se utilizar tais ferramentas para agilizar / otimizar determinados procedimentos metodológicos; por outro lado, e por mera curiosidade, confrontar os resultados fornecidos pelas ferramentas e observar similitudes e distinções não mais em termos dos conteúdos analisados, mas em termos de “entendimento” da tarefa e “percepção” do conteúdo por parte de tais ferramentas. O resultado encontra-se no Quadro 03, que confronta os textos integrais formulados por elas.

Quadro 03 - Sistematização das similitudes e divergências encontradas nos entendimentos dos autores que escreveram sobre **Museologia Social** e **Sociomuseologia** realizada por IA

CHATGPT	GEMINI
<p>ASPECTOS SIMILARES</p> <p>Compromisso Social: Ambos os conceitos enfatizam um compromisso social claro. A museologia social é vista como uma prática engajada e crítica, voltada para combater injustiças e preconceitos, promovendo a coesão social através do patrimônio e da memória. A sociomuseologia, por sua vez, também promove a ação social dos museus e a participação ativa da comunidade.</p> <p>Participação Comunitária: Tanto a museologia social quanto a sociomuseologia destacam a importância da participação comunitária. A museologia social enfatiza a centralidade das narrativas das comunidades periféricas e a participação comunitária na gestão museológica. A sociomuseologia coloca a comunidade local no centro do processo museológico, utilizando metodologias participativas para o desenvolvimento integrado.</p> <p>Interdisciplinaridade: A interdisciplinaridade é um ponto comum em ambas as abordagens. A sociomuseologia integra</p>	<p>SIMILARIDADES INICIAIS E EVOLUÇÃO</p> <p>Anos 90 como Ponto de Emergência: A Museologia Social surge na década de 1990, frequentemente associada ao declínio da Nova Museologia (Santos & Silva, Britto). Ambas representam uma tentativa de adequar as práticas museológicas às demandas da sociedade contemporânea (Moutinho, Gomes & Cunha, Wichers).</p> <p>Foco no Social e na Comunidade: Desde o início, a Museologia Social enfatiza o papel do indivíduo como sujeito histórico e a importância da musealização para a sociedade (Brandão, Primo & Rebouças). Há uma preocupação com a abertura do museu à comunidade, a ampliação do patrimônio e a participação (Victor). A Sociomuseologia, posteriormente, também coloca a comunidade local como central (Sancho-Querol & Sancho).</p> <p>Crítica à Museologia Tradicional: Ambas as abordagens se contrapõem à museologia tradicional focada excessivamente nos objetos e em abordagens taxonômicas, buscando</p>

<p>museologia com áreas como ciências humanas, estudos de desenvolvimento e planejamento territorial, enquanto a museologia social, embora focada mais na prática, também reconhece a importância de um enfoque interdisciplinar para promover a justiça social e a dignidade humana.</p>	<p>uma instituição mais aberta e engajada com seu contexto social (Menezes, Mayrand).</p> <p>Ênfase na Ação e Transformação: A Museologia Social é vista como uma "Museologia de ação" (Alegrias), com o museu atuando como agente de mudança social e democratização da cultura. A Sociomuseologia também se propõe a práticas de intervenção visando a mudança social (Mayrand) e a transformação contínua da sociedade (Figueira).</p>
<p>ASPECTOS DIVERGENTES</p> <p>Definição e Flexibilidade: A museologia social é descrita frequentemente como não tendo uma definição única, sendo flexível e adaptável, enfatizando a justiça social e cultural. Já a sociomuseologia é apresentada mais como um campo científico e disciplinar com uma estrutura mais definida que articula museologia com outras áreas do conhecimento.</p> <p>Foco nas Práticas vs. Enfoque Teórico: A museologia social parece ter um foco maior em práticas específicas de intervenção social e cultural, buscando mudanças sociais diretas através do uso do patrimônio. A sociomuseologia, enquanto também engajada na ação social, é descrita mais como um campo teórico e disciplinar que envolve ensino, pesquisa e articulação interdisciplinar.</p> <p>Integração de Metodologias: A sociomuseologia é explicitamente mencionada como integrando metodologias participativas e envolvimento da comunidade em um sentido mais formalizado e estruturado. Na museologia social, embora a participação comunitária seja central, o enfoque é mais na adaptação de práticas museológicas existentes para atender às necessidades sociais.</p> <p>Perspectiva Temporal: A museologia social tende a se apresentar como uma continuidade da museologia tradicional com um compromisso renovado com a justiça social, enquanto a sociomuseologia se posiciona como uma evolução disciplinar e científica que incorpora novas abordagens teóricas e práticas.</p>	<p>DIFERENCIAÇÕES E COMPLEMENTARIDADES</p> <p>Prática vs. Teoria (Inicialmente Sugerido, Depois Questionado): Mayrand inicialmente define a Sociomuseologia como ciência humana em formação e a Museologia Social como prática de intervenção dentro desse quadro teórico. No entanto, essa distinção é posteriormente questionada e vista como potencialmente "colonialista" (Chagas et al.).</p> <p>Ênfase Epistemológica da Sociomuseologia: Autores como Britto e Biléssimo destacam que a Sociomuseologia se diferencia pela ênfase na produção epistemológica, reunindo pesquisadores acadêmicos e não acadêmicos para refletir sobre as transformações da Museologia Social. A Museologia Social, nesse sentido, seria um "laboratório de saberes" para a Sociomuseologia.</p> <p>Sinonímia e Ênfases Regionais: Alguns autores e contextos (especialmente no Brasil) tratam Museologia Social e Sociomuseologia como sinônimos (Tolentino, Britto, Baptista, Pasqualucci, Godoy). Chega-se a sugerir que "Museologia Social" seria a denominação da Nova Museologia no Brasil, enquanto "Sociomuseologia" teria maior uso na Europa, especialmente em Portugal (Cezário & Davel).</p> <p>Compromisso Político e Social da Museologia Social: A Museologia Social é fortemente associada ao engajamento com movimentos sociais, à luta contra injustiças e desigualdades, e à valorização da dignidade e da justiça social (Pereira, Ferreira & Soto, Oliveira, Neu). A Sociomuseologia, embora também preocupada com o social, pode ter uma ênfase maior na reflexão teórica sobre essas práticas.</p> <p>"Reciprocidade de Saberes": Escobar aponta que a Museologia Social teria trazido para o campo da Sociomuseologia a</p>

	compreensão e adoção da "reciprocidade de saberes"
CONCLUSÃO Ambas as expressões compartilham um compromisso com a justiça social, a participação comunitária e a interdisciplinaridade, com raízes na Nova Museologia. No entanto, a museologia social tem um foco mais prático e flexível, enquanto a sociomuseologia é mais estruturada como um campo científico e disciplinar, com ênfase na integração teórica e metodológica.	CONCLUSÃO A Museologia Social surge como uma prática engajada e voltada para as necessidades sociais, enquanto a Sociomuseologia se desenvolve como um campo de reflexão teórica sobre essas práticas, buscando fundamentá-las e expandir o conhecimento museológico. Embora a distinção entre ambas seja por vezes tênue e contestada, ambas compartilham um compromisso fundamental com a função social dos museus e com a participação ativa das comunidades nos processos museológicos.

Fonte: elaboração própria, a partir de síntese humana analisada por IA

Uma rápida leitura (analógica) comparativa dos quadros apresentados nas seções 3.1 a 3.3 nos faz saltar aos olhos algumas ideias-força importantes, a saber:

1) o entendimento de serem a Museologia Social e a Sociomuseologia, quando da emergência dos termos na década de 1990, derivadas ambas da Nova Museologia, cujos princípios reforçam e alargam: crítica à Museologia Tradicional, foco no social e na participação comunitária, compromisso político e com a justiça social, ênfase na ação e na transformação etc.;

2) a ideia, com base em Moutinho (1993), de que a Museologia Social seria um “esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea” (ideia que depois o autor transplantaria para a Sociomuseologia, como pode ser observado em seu texto de 2007);

3) a ideia, com base em Chagas e Gouveia (2014), um texto publicado na revista brasileira Cadernos do CEOM (externo, portanto, à base analisada), de que haveria uma sinonímia, uma indistinção entre os dois termos, ainda que com uma demarcação regional: Museologia Social no Brasil, Sociomuseologia na Europa (mormente em Portugal);

4) por fim, um duplo encaminhamento:

4.1 - de um lado, a ideia de que, ao fim e ao cabo, os termos não são sinônimos, como inicialmente proposto, com a Sociomuseologia designando uma ciência humana em formação (Mayrand, 2009) ou uma escola de pensamento (Biléssimo, 2020; Coronado-Téllez, 2020; Neu, 2020; Sarraf, 2022; Brayner, 2022), enquanto a Museologia Social designaria todo um conjunto de práticas de intervenção na realidade, enfatizando-se, desta forma, uma suposta oposição entre teoria e prática, procedimento criticado como (neo)colonialista por Chagas et al. (2018);

4.2 - de outro lado, por fim, a percepção de que a Museologia Social parte das próprias heranças dos participantes (Primo & Leite, 2015), transformando “indignação em acervo e processos marginalizados em narrativas para reflexão e participação” (Pereira, 2015, o que se aproxima mais da realidade observada naquilo que é desenvolvido no Brasil a partir dos anos 2000, após a inauguração do Museu da Maré (2006) e do Museu de Favela (2008), no Rio de Janeiro.

Aspectos que, de alguma forma, acabam sendo retomados nas conclusões provisórias apresentadas pelas ferramentas de IA, o que deixa claro a sua utilidade em determinados procedimentos metodológicos, facilitando e agilizando determinadas sistematizações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora fuja um pouco do escopo deste trabalho, cuja ênfase recaiu sobre os artigos publicados na Cadernos de Sociomuseologia entre 1993 e 2022, acreditamos, contudo, que valha à pena abrirmos espaço para recorrermos a um artigo recentemente publicado na revista, no qual a autora realizou alguns procedimentos semelhantes aos nossos, porém com teses de doutorado.

Ana Paula Carvalho (2025), não sabendo como caracterizar os termos Nova Museologia, Museologia Social e Sociomuseologia, recorreu aos doutorados em Museologia pela Universidade Lusófona, onde também faz o seu doutoramento, ao invés dos autores consagrados, para se “aprofundar na compreensão das diferenças teóricas e práticas” dos termos. Para tanto, recorreu ao Banco de Dados da Universidade

(RECIL) em busca dos referidos termos, obtendo, até janeiro de 2024 (data do levantamento bibliográfico em questão), 495⁶ documentos com a rubrica “Sociomuseologia”⁷. Por meio da aplicação de filtros, identificou 51 teses e 16 dissertações, debruçando-se, por uma questão de tempo, apenas sobre as 10 teses mais recentes, publicadas entre 2021 e 2023, extraíndo e analisando os termos consoante foram encontrados no corpo do texto⁸.

Diante da predominância, no título e/ou nas palavras-chave, do termo “Sociomuseologia” (05 das 10 teses analisadas), bem como uma forte frequência no corpo do texto (489 vezes, contra 243 vezes do termo “Museologia Social” e 212 vezes do termo “Nova Museologia”), a autora infere que

embora a Sociomuseologia seja a área mais destacada, a Museologia Social e a Nova Museologia permanecem como componentes importantes do discurso museológico. A distribuição entre os três campos indica uma certa complementaridade das abordagens teóricas, onde os autores que focam mais em uma área não ignoram totalmente as outras.

Os dados apresentados fornecem uma visão da predominância da Sociomuseologia e sugerem que esse campo está no centro dos debates teóricos e práticos da museologia, com autores que impulsionam sua disseminação. No entanto, a Museologia Social e a Nova Museologia continuam a desempenhar papéis importantes, enriquecendo o campo com suas abordagens distintas, ainda que de menor magnitude. Essas dinâmicas devem ser consideradas ao traçar o panorama atual da museologia e seus caminhos (2025, p.151).

Apesar do levantamento feito reiterar, junto aos novos doutores analisados, a importância dos autores consagrados (sobretudo Moutinho, Primo e Chagas, os mais citados nas teses), buscou-se também as contribuições originais (ou seja, aquelas feitas sem referenciamento ou citação de outros autores), de modo a que se pudesse perceber melhor como os conceitos são compreendidos, defendidos e disseminados entre discentes e docentes.

Numa análise comparativa, identifica a Nova Museologia como sendo aquela “que desafia os paradigmas tradicionais, abrindo caminho para a democratização cultural e a inclusão social”, enfatizando “sua capacidade de reconfigurar a função social dos museus, promovendo o engajamento comunitário” (2025, p.163). Com relação à Museologia Social, compreende-a como evoluindo da Nova Museologia, “com um foco mais acentuado na intervenção social e no empoderamento das comunidades”, destacando-se “seu caráter experimental e participativo” (2025, p.163). Sociomuseologia, por sua vez, conecta teoria e prática, “com um forte compromisso com o desenvolvimento sustentável, inclusão e justiça social”, sendo mais do que uma prática museológica, apresentando-se “como um movimento que reestrutura o museu, conectando-o diretamente com as comunidades e permitindo que estas sejam protagonistas de suas próprias narrativas” (2025, p.163). Tudo isto reforça, portanto, seu entendimento de que “não apenas rompem com paradigmas tradicionais, mas também abrem caminho para práticas museológicas mais inclusivas e comprometidas com o desenvolvimento sociocultural” (2025, p.163).

Creemos que, em linhas gerais, existem fortes similitudes (e complementaridade, portanto) entre as percepções da autora - com base na análise de um conjunto de teses de doutoramento defendidas junto ao Departamento de Museologia da Universidade Lusófona - e as ideias-força por nós destacadas anteriormente - organizadas a partir da análise de um conjunto de artigos publicados na revista daquele mesmo Departamento -, o que pode ser claramente o indício da existência de uma determinada ambiência a propiciar

⁶ O somatório apresentado pela autora, organizado por conjuntos de anos, contudo, deu 493 documentos.

⁷ Aqui, excetuam-se os 66 volumes dos Cadernos de Sociomuseologia, que não foram foco de sua investigação. Além disso, não esclarece se o levantamento na base contemplou também as expressões “Museologia Social” e “Nova Museologia”. A impressão que temos é que não.

⁸ A extração e análise dos termos a partir do corpo do texto publicado, ao invés de considerar a sua presença no título, nas palavras-chave, no resumo e nas referências bibliográficas, foi um procedimento similar ao que adotamos nesta pesquisa. Divergimos da autora, no entanto, por focarmos em todos os artigos dos Cadernos de Sociomuseologia publicados até 2022.

uma certa retroalimentação de um conjunto específico de ideias. Ambiência que, inclusive, não se limita ao espaço físico do referido Departamento, visto que muitos dos autores de artigos publicados são brasileiros com atuação no Brasil, não em Portugal.

De qualquer forma, sua existência expressa claramente a percepção de que “nenhuma ideia existe por si mesma, em um vácuo; as ideias só existem porque são levadas adiante por pessoas que trabalham em organizações que perpetuam essas ideias e as mantêm vivas”, como bem lembrou Howard Becker (1996) em sua conferência sobre a Escola de Chicago realizada, em 1990, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Museu Nacional, UFRJ). Se, no caso específico da Sociomuseologia, seria suficiente para conformar uma “escola de pensamento”, isto já foge ao escopo deste artigo e talvez demande mais tempo, observação e reflexão para o determinar. Seja como for, parece apontar claramente para uma efetiva distinção dos termos, inclusive para além de sua eventual mera demarcação regional.

O que, alinhando-se à crítica apontada por Chagas et. al. (2018), não resultaria, no nosso entendimento, necessariamente na redução da Museologia Social a meramente um conjunto de práticas, um “laboratório de saberes” a alimentar a Sociomuseologia (Biléssimo, 2020). Mas também não significaria, como inicialmente apontado por Moutinho (1993), um “esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea”. Pelo menos não quando temos em mente o que entendemos, no Brasil, por esse termo.

Museologia Social não é “preocupação com o social”, porque historicamente quem se preocupa com o social é a burguesia. E não é de expressões de uma museologia burguesa que estamos falando aqui.

Como já apontado em outra ocasião (Pires, 2019), Museologia Social é um perspectivismo, um saber-fazer no qual a perspectiva que importa não é a do Estado, nem a do mercado, mas, sim, a da luta (sobretudo aquela contra as injunções injustas do Estado e do mercado). Museologia Social, portanto, ao invés de designar o movimento de abertura do nosso campo em direção ao território, aos seus agentes e às questões sociais que os afligem (movimento que, na história, ganhou a alcunha de Nova Museologia), designa o social, ele próprio, movimentando-se e tomando para si a responsabilidade para com o desenvolvimento de projetos em torno de suas dinâmicas e processos de memória e de patrimônio.

Museologia Social, portanto, é um giro ontológico, metodológico e epistemológico de 180º em relação à chamada Museologia Tradicional, pois trata-se de outro sujeito do saber-fazer museológico (os agentes do território), produzindo outro conhecimento (o comum da luta) e de outra forma (a partir das próprias dinâmicas do território e dessas lutas em comum).

Contudo, ainda que a breve análise aqui realizada não seja suficiente, no nosso entendimento, para compreender a Sociomuseologia como uma “ciência humana em formação” ou mesmo como uma “escola de pensamento”, como preconizada por alguns, cremos ser plenamente possível entendê-la como uma atualização e ampliação dos princípios da Nova Museologia da qual é herdeira, vindo, com isto, ao encontro da transplantação feita por Moutinho, em 2007, do que ele entendia ser a Museologia Social em 1993: um “esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea”.

Ou seja, se entendermos que a Museologia Social (sobretudo aquilo que se desenvolveu no Brasil) é outra coisa, que ela não tem a pretensão nem a função de adequar estruturas museológicas já existentes às circunstâncias da contemporaneidade, visto que ela é um saber-fazer perspectivista centrado no comum constituído pelas lutas com as quais seus agentes estão envolvidos nos diversos territórios onde se situam, a Sociomuseologia, pode, esta sim, ser uma das formas possíveis pelas quais o campo e seus agentes olham hoje, de forma renovada, o mundo. Ou seja, ela é uma abordagem (assim como o museu integral de Santiago do Chile nunca foi uma tipologia nova de museus, mas uma forma de agir).

Neste sentido, ainda que um museu tradicional, do ponto de vista jurídico ou ontológico, não possa ser uma expressão da chamada Museologia Social (porque, reiteramos, Museologia Social não é uma experiência de Estado ou de mercado, mas, sim, do território), pode, contudo, adotar a dita abordagem sociomuseológica em seu *modus operandi*, adequando-se, desta forma, “aos condicionalismos da sociedade contemporânea.”

REFERÊNCIAS

Alegrias, L. (2017). O futebol na construção das representações identitárias nos museus. *Cadernos de Sociomuseologia*, 54(10). <https://doi.org/10.36572/csm.2017.vol.54.06>

- Baptista, J. (2021). Entre o arco e o cesto: notas queer sobre indígenas heterocentros nos museus e na museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, 61(17). <https://doi.org/10.36572/csm.2021.vol.61.02>
- Becker, H. (1996). A Escola de Chicago. *Mana*, 2(2), 177-188. <https://doi.org/10.1590/S0104-93131996000200008>
- Biléssimo, A. (2020). Construindo a sociomuseologia: uma análise das teses defendidas no doutoramento em museologia da ULHT (2008-2020). *Cadernos de Sociomuseologia*, 60(16). <https://doi.org/10.36572/csm.2020.vol.60.02>
- Brandão, J. (1993). International Summer School of Museology (ICOM/UNESCO). *Cadernos de Sociomuseologia*, 1(1). <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/479>
- Brayner, V. (2022). O museólogo como trabalhador social na construção de futuros inéditos. *Cadernos de Sociomuseologia*, 63(19). <https://doi.org/10.36572/csm.2022.vol.63.03>
- Britto, C. (2017). Desinventar objetos: a poética de Manoel de Barros e a gramática das exposições museológicas. *Cadernos de Sociomuseologia*, 53(9). <https://doi.org/10.36572/csm.2017.vol.53.11>
- Brulon, B. (2019). Museus, mulheres e gênero: Olhares sobre o passado para possibilidades do presente. *Cadernos Pagu*, 55. <https://doi.org/10.1590/18094449201900550015>
- Carvalho, A. P. (2025). Explorando Nova Museologia, Museologia Social e Sociomuseologia: Uma Análise Bibliográfica das Teses de Doutorado em Museologia na Universidade Lusófona (2021-2023). *Cadernos De Sociomuseologia*, 69(25), 145-160. <https://doi.org/10.36572/csm.v69i25.10374>
- Cerqueira, N. (2013). A crise de identidade do museu: Ensaio sobre o “ser ou não ser” dos museus. *Cadernos de Sociomuseologia*, 45(1). <https://doi.org/10.36572/csm.2013.vol.45.05>
- Cezário, H., & Davel, E. (2018). Participação comunitária e identidade territorial na gestão de museus: A mobilização museológica organizacional e interorganizacional. *Cadernos de Sociomuseologia*, 55(11). <https://doi.org/10.36572/csm.2018.vol.55.01>
- Chagas, M., Gouveia, I. (2014). Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). *Cadernos do Ceom*, 27(41). <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2592>
- Chagas, M., Primo, J., Assunção, P., & Storino, C. (2018). A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos. *Cadernos de Sociomuseologia*, 55(11). <https://doi.org/10.36572/csm.2018.vol.55.03>
- Coronado-Téllez, G. (2020). Memórias de dor e construção de exposições: falando sobre o feminicídio. *Cadernos de Sociomuseologia*, 60(16). <https://doi.org/10.36572/csm.2020.vol.60.04>
- Delambre, D. (2015). A declaração MINOM Rio 2013 – tratado “sustentável” e “pró-vocativo” no início do século XXI. *Cadernos de Sociomuseologia*, 50(6). <https://doi.org/10.36572/csm.2015.vol.50.04>
- Escobar, G. V. (2021). Por uma museologia lésbica negra. *Cadernos de Sociomuseologia*, 61(17). <https://doi.org/10.36572/csm.2021.vol.61.01>
- Ferreira, C. S., & Soto, M. (2018). Apontamentos para uma museologia marxista: a exposição Linha de Frente. *Cadernos de Sociomuseologia*, 55(11). <https://doi.org/10.36572/csm.2018.vol.55.04>
- Figueira, L. (2022). Museu Agrícola de Riachos: Práticas e teorias num museu de comunidade. *Cadernos de Sociomuseologia*, 63(19). <https://doi.org/10.36572/csm.2022.vol.63.06>
- Figurelli, G. (2013). O público interno dos museus: reflexões sobre os funcionários de museus enquanto público-alvo das ações educativas museológicas. *Cadernos de Sociomuseologia*, 46(2). <https://doi.org/10.36572/csm.2013.vol.46.03>

- Freitas, S. V. (2020). O corpo na museologia como expressão de identidade no pensamento contemporâneo. *Cadernos de Sociomuseologia*, 60(16). <https://doi.org/10.36572/csm.2020.vol.60.09>
- Godoy, H. (2020). Representações permeáveis: Sentimento e embate ideológico. *Cadernos de Sociomuseologia*, 60(16). <https://doi.org/10.36572/csm.2020.vol.60.05>
- Gomes, M., & Cunha, M. (2013). O museu como agente de transformação – a inclusão cultural. *Cadernos de Sociomuseologia*, 45(1). <https://doi.org/10.36572/csm.2013.vol45.03>
- Janeirinho, R. (2013). Estratégias museológicas participativas: refletindo e atuando em sociomuseologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, 46(2). <https://doi.org/10.36572/csm.2013.vol.46.05>
- Mayrand, P. (2009). Chroniques d'un altermuséologue. *Cadernos de Sociomuseologia*, 31(31). <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/489>
- Mayrand, P. (2009). Série: musée selon la museologie sociale. *Cadernos de Sociomuseologia*, 31(31). <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/483>
- Meneses, S. (2006). A memória do trabalho e os trabalhos da memória: o caso do Museu da Indústria de Chapelaria. Capítulo III - Conservação e Memória. *Cadernos de Sociomuseologia*, 26(26). <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/43>
- Moutinho, M. (2012). Concepts and methodology in the exhibition "Baixa em Tempo real" Lisbon-Rio de Janeiro. *Cadernos de Sociomuseologia*, 44(44). <https://doi.org/10.36572/csm.2013.vol.45>
- Moutinho, M. (2007). Evolving definition of sociomuseology: Proposal for reflection. *Cadernos de Sociomuseologia*, 28(28). <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/510>
- Moutinho, M. (2017). MINOM: 30 anos de museologia em favor dos direitos humanos. *Cadernos de Sociomuseologia*, 54(10). <https://doi.org/10.36572/csm.2017.vol.54.07>
- Moutinho, M. (1993). Sobre o conceito de museologia social. *Cadernos de Sociomuseologia*, 1(1). <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>
- Moutinho, M. (2007). The informal museology. *Cadernos de Sociomuseologia*, 27(27). <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/448>
- Neu, M. M. (2020). A sociomuseologia como escola de pensamento e a museologia social como prática. Como os museus podem ajudar a transformar a realidade dos grupos sob o efeito da marginalização? *Cadernos de Sociomuseologia*, 60(16). <https://doi.org/10.36572/csm.2020.vol.60.07>
- Newbery, C. (1996). Museum Training Institute – Its current status. *Cadernos de Sociomuseologia*, 6(6). <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/266>
- Oliveira, T. (2020). Museologia social: em rede, em movimento, em coletivo e a experiência do Museu Vivo do São Bento. *Cadernos de Sociomuseologia*, 59(15). <https://doi.org/10.36572/csm.2020.vol.59.02>
- Pasqualucci, L. (2020). Cultura, fenômenos sociais e currículo do ensino superior: articulações via museu e universidade. *Cadernos de Sociomuseologia*, 60(16). <https://doi.org/10.36572/csm.2020.vol.60.01>
- Paulo, D. (2011). Do gueto à partilha nos museus do Algarve. *Cadernos de Sociomuseologia*, 41(41). <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2652>
- Pereira, M. (2015). Museologia social e sociologia das ausências no contexto da Amazônia brasileira: uma aproximação teórica. *Cadernos de Sociomuseologia*, 50(6). <https://doi.org/10.36572/csm.2015.vol.50.01>
- Pires, V. S. (2019). A museologia social, o comum e o perspectivismo da luta. *Lugar Comum*, 56. <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/41599/22556>

- Primo, J. (2016). Museus locais: fronteiras reais e imaginária. *Cadernos de Sociomuseologia*, 51(7). <https://doi.org/10.36572/csm.2016.vol.51.01>
- Primo, J. (2014). O social como objecto da museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, 47(3). <https://doi.org/10.36572/csm.2014.vol.47.01>
- Primo, J. (1999). Pensar contemporaneamente a museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, 16(16). <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/350>
- Primo, J. (2007). To think museology today. *Cadernos de Sociomuseologia*, 27(27). <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/442>
- Primo, J., & Leite, P. (2015). Olhares biográficos em museologia: os desafios da intersubjetividade. *Cadernos de Sociomuseologia*, 49(5). <https://doi.org/10.36572/csm.2015.vol.49.05>
- Primo, J., & Rebouças, D. (1999). A documentação museológica num museu local: algumas considerações. *Cadernos de Sociomuseologia*, 14(14). <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/327>
- Querol, L. S., & Sancho, E. (2014). Imagens valem mais que mil palavras... A experiência do arquivo de memórias do Museu de São Brás. *Cadernos de Sociomuseologia*, 48(4). <https://doi.org/10.36572/csm.2014.vol.48.01>
- Rangel, V. M. S. (2013). Interação patrimônio, comunicação museológica e aprendizagem. *Cadernos de Sociomuseologia*, 46(2). <https://doi.org/10.36572/csm.2013.vol.46.04>
- Rechena, A. (2011). Teoria das representações sociais: uma ferramenta para a análise de exposições museológicas. *Cadernos de Sociomuseologia*, 41(41). <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2651>
- Santos, P. (2008). Museology and community development in the XXI century. *Cadernos de Sociomuseologia*, 29(29). <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/454>
- Santos, S. da S., & Silva, R. M. da. (2018). Diálogos entre a capoeira e a museologia social. *Cadernos de Sociomuseologia*, 56(12). <https://doi.org/10.36572/csm.2018.vol.56.04>
- Sarraf, V. (2022). Museus para a igualdade – diversidade e inclusão como as premissas da acessibilidade cultural corroboram com a função social dos museus. *Cadernos de Sociomuseologia*, 63(19). <https://doi.org/10.36572/csm.2022.vol.63.02>
- Soto, M. C. (2014). Dos gabinetes de curiosidades aos museus comunitários: a construção de uma conceção museal a serviço da transformação social. *Cadernos de Sociomuseologia*, 48(4). <https://doi.org/10.36572/csm.2014.vol.48.03>
- Teixeira, M. (2019). Desafios na preservação do patrimônio afro-brasileiro no MAFRO/UFBA. *Cadernos de Sociomuseologia*, 58(14). <https://doi.org/10.36572/csm.2019.vol.58.02>
- Tolentino, A. (2016). Museologia social: apontamentos históricos e conceituais. *Cadernos de Sociomuseologia*, 52(8). <https://doi.org/10.36572/csm.2016.vol.52.02>
- Victor, I. (2006). O paradoxo do termo avaliação em museus: Um problema da maior relevância para a museologia contemporânea. *Cadernos de Sociomuseologia*, 25(25). <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/426>
- Victor, I. (2005). Os museus e a qualidade: distinguir entre museus com qualidades e a qualidade em museus. *Cadernos de Sociomuseologia*, 23(23). <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/403>